



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO CULTURAL

GRUPO EXPERIMENTAL
DE CINEMA

Acervo Digital

Walter
da Silveira

14^o

ESPETÁCULO

DE

FILMES DE ARTE

de 1968 - 20,30 horas

SALÃO NOBRE DA REITORIA

« A S A M I G A S »

(« L E A M I C H E »)

Ficha técnica

Realização — Michelangelo Antonioni

Argumento — M. A. Antonioni, sobre “*Tra donne sole*”, de Cesare Pavese

Roteiro — Antonioni, Suso Cecchi D'Amico e Alba de Cespedes

Fotografia — Gianni di Venanzo

Cenografia — Gianni Polidori

Música — Giovanni Fusco

Interpretação — Valentina Cortese, Yvonne Furneaux, Ettore Manni, Franco Fabrizi, Gabrielli Ferzetti, Eleonora Rossi Drago,

Produção — Trionfalcine, 1955.

— Leão de Prata no Festival de Veneza de 1955 —

Quarto na filmografia de Michelangelo Antonioni, “*As amigas*” tem de logo uma singularidade: é o único filme com uma estória que originalmente não lhe pertence. Autor total, ele sempre imaginou e escreveu os dramas que realizou desde “*Crimes d'alma*” (“*Cronaca di un amore*”) em 1950 até “*Blow up*” em 1967. “*Le amiche*” deriva de um breve romance de Cesare Pavese, jamais traduzido no Brasil, embora a crítica italiana situasse o romancista entre os melhores escritores peninsulares deste século. A identificação do cineasta com o novelista foi, todavia, salientada antes mesmo desse filme, observando alguns que malgrado esse filme. Porque “*As amigas*”, apesar de baseado em “*Tra donne sole*”, seria o menos pavesiano dos filmes de Antonioni. Ambos seriam, um na literatura, outro no cinema, analistas do sentimento feminino, fazendo da mulher mais do que a personagem principal, o fundamento dramático. O universo antonianino prolongando o pavesiano. Apenas o do cineasta, não obstante toda a famosa temática da incomunicabilidade, sendo menos fechado do que o do escritor, cujo fim teria sido um suicídio por amor.

Terá razão Paul-Louis Thirard em dizer que para Antonioni a mulher é superior ao homem? Neste filme, talvez. Momina, Clelia e Nene têm mais caráter, inteligência e cultura do que Cesare, Carlo e Lorenzo, ainda que se censure em algumas delas a dubiedade. Há uma frase de Momina muito significativa: “*Tôda mulher que vive com um homem a quem ela é superior é infeliz...*”

Está claro, todavia, que os filmes de Antonioni não pretendem ser a ilustração de uma tese, de esquemas. Provavelmente, ele terá uma concepção da vida — sua obra revela mais do que um estilo pessoal, toda uma estrutura existencial —, e dentro dela os temas não se repetem, porém se filiam. Muitos por equívoco tentaram limitar o significado desses temas,

predispostos a afirmar que Antonioni se prende a motivos exclusivamente individuais e intimistas com certa frieza ética. Não chegaram a entendê-lo. Pois esse arquiteto que atingiu a realização cinematográfica após haver passado pela crítica e pela cenarização nunca deixou de relacionar profundamente seus personagens com o tempo e o meio. A propósito mesmo de “*As amigas*”, ele diria: “*Meu ofício é o de dirigir, mas é também o de mostrar a vida, comunicar-me com os meus semelhantes, fazer experiências*”. Nascido na burguesia, nada mais óbvio do que mostrar a vida, em seu cinema, consistiria fundamentalmente em refleti-la. E também em criticá-la. Com exceção de “*O grito*” (1957), que transcorre num círculo operário, todos os seus filmes situam-se na classe de sua origem. Em “*Le amiche*” é o próprio cotidiano burguês, com a intenção de seguir cada mulher para desvendar seus pensamentos mais ocultos. E não há neste processo qualquer traço de pessimismo. Para Antonioni a estética nunca perde a conotação com a ética: a vida se desumaniza porque nos atrasamos em sentimento, toda a perplexidade advindo da defasagem entre o sentido e o viver.

Um filme de equilíbrio formal perfeito, “*As amigas*” revela a plena concordância entre fins e meios. Desde o interesse plástico, mas igualmente dramático, da visão de Turim, suas ruas e suas casas como quadro e atmosfera, a vida urbana da Itália como fonte e centro de humanidade. Sequências longas, constantes movimentos de câmara em torno dos personagens, raros grandes planos, nenhum contracampo: eis um estilo, no qual figura ainda o exercício filtrado da música. Um filme-romance, como diz Pierre Leprohen ser tão do gosto do mestre italiano. Ou uma tentativa, como quer Doniol-Valcroze, de substituir o cinema-espetáculo pelo cinema do comportamento e da interioridade, numa evolução para uma forma mais adulta de filme.

Walter da Silveira

Acervo Digital

Walter
da Silveira

UMA PROGRAMAÇÃO
DO CINEMA UNIVERSITÁRIO